



(IN)SEGURANÇA PÚBLICA

Políticas de mano dura agradam multidões, mas criam problemas

# AL precisa ver o crime de um novo jeito



ARTIGO

The Economist

**E**m 2019, o Equador era um país turístico e pacífico. O índice de homicídios se situava abaixo de 7 a cada 100 mil habitantes, aproximadamente o mesmo dos EUA. E, em 2023, foi a quase 45 a cada 100 mil habitantes. Durán, no Equador, a cidade mais violenta do planeta, teve uma estrepitosa taxa de homicídios de 148 a cada 100 mil habitantes no ano passado. O país foi varrido por uma onda de crime organizado com foco em tráfico de cocaína da Colômbia à Europa via portos equatorianos. O restante da América Latina também sofre conforme grupos criminosos transnacionais se expandem. Mesmo a sossegada Costa Rica e o Uruguai estão testemunhando altas na violência.

Em resposta, governos da região (incluindo o equatoriano) têm se mostrado afeitos à mano dura, ou políticas punho de ferro. As medidas incluem decretos de estados de emergência, encarceramento em massa e indiscriminado e acionamentos do Exército às ruas para manutenção da ordem. Essas táticas receberam impulso de seu aparente sucesso em El Salvador. Em março de 2022, o presidente salvadorenho, Nayib Bukele, declarou estado de emergência depois que gangues mataram 87 pessoas em um único fim de semana. Desde então, o governo colocou na cadeia quase 80 mil pessoas – mais de 1% da população do país. O índice de homicídios caiu para níveis quase europeus, e Bukele se tornou talvez o líder eleito mais popular do mundo. Em um referendo reali-

zado em 21 de abril, os equatorianos apoiaram esmagadoramente as medidas mais duras contra a criminalidade, permitindo ao Exército patrulhar as ruas e controlar as penitenciárias permanentemente e removendo a possibilidade de relaxamento de prisão para detentos com bom comportamento.

Mas ainda que pareça ter ajudado El Salvador, a mano dura não funcionará no restante da América Latina. Grupos de crime organizado de outros países são mais ricos, mais bem armados e mais globalizados que as desordenadas quadrilhas salvadorenhas. Uma abordagem mais paciente e centrada, liderada por polícias civis e tribunais, é a melhor maneira de combater violência a longo prazo.

**DIVERSIFICADO.** Para entender por quê, considere as maneiras como o crime organizado se proliferou na região. As gangues constituíram portfólios cada vez mais lucrativos e diversificados. A produção de cocaína dobrou na década passada, enquanto a demanda cresce em todo o mundo, particularmente na Europa. Opioides sintéticos, tráfico de pessoas, mineração ilegal e roubo de petróleo também dão dinheiro. O encanto dessas torrentes de lucros combinado a políticas de segurança de Estado equivocadas ocasionou guerras entre gangues rivais e fragmentações de redes criminosas. A disponibilidade de armamentos poderosos, contrabandeados facilmente do maior mercado produtor de armas legalizadas no planeta, os EUA, torna esses combates ainda mais mortíferos. A impunidade é generalizada.

Essas condições fazem aumentar os índices de violência, o que por sua vez prejudica a



**Recordes**  
*Mandato de seis anos do presidente Andrés Manuel López Obrador foi o mais sangrento no México neste século*

democracia e retarda o crescimento econômico. A criminalidade custa à América Latina, em média, o equivalente a 3% de seu PIB, segundo o Banco Interamericano de Desenvolvimento: aproximadamente o mesmo que a região gasta em infraestrutura – o que acelera uma espiral de declínio. Economias assoladas pelo crime oferecem menos chances aos jovens, tornando os grupos criminosos mais atrativos, perpetuando a violência e impondo custos mais pesados.

A mano dura de Bukele tem funcionado – por enquanto – porque as gangues de El Salvador eram “pobres e predatórias”, afirma Christopher Blattman, da Universidade de Chicago. Os grupos criminosos salvadorenhes dependiam pesadamente de extorsão, controlando bairros e estabelecendo postos de controle, cobrando pedágio de qualquer um que quisesse passar. Os homicídios foram às alturas conforme as gangues lutaram por ter-

ritório, apesar de o retorno ser escasso. Os integrantes de gangues faziam em média cerca de US\$ 15 por semana. Crianças eram recrutadas com frequência, às vezes à força, porque podiam ser mal pagas e eram tratadas com leniência pelos tribunais (entre 2010 e 2014, 219 crianças foram mortas a caminho ou retornando da escola por se recusar a aderir a gangues salvadorenhas). O modelo de negócio da extorsão significou que as gangues tiveram de operar abertamente nas áreas urbanas mais densamente povoadas para maximizar os lucros, então foi fácil sitiá-las. Tatuagens com símbolos das gangues também ajudaram a identificar bandidos.

Parte do declínio inicial na violência pode ter ocorrido porque Bukele subornou as gangues, independentemente de sua mano dura. Documentos judiciais sugerem que seu governo negociou um pacto secreto segundo o qual chefões do crime ganharam dinheiro, prostitutas e proteção contra extradição em troca de apoio ao partido de Bukele em eleições e uma redução no índice de homicídios (o que o governo nega). Quando a trégua se rompeu, as gangues fizeram o massacre daquele fim de semana, e o presidente mudou de tática, ordenando a repressão.

Não ficou claro como os líderes dos grupos criminosos vinham escapando até então. Em uma gravação obtida pela agência de jornalismo investigativo El Faro, o principal negociador do governo conversa com um integrante de gangue pouco após o massacre e afirma que retirou pessoalmente um chefe da prisão e o levou para a vizinha Guatemala. O Departamento do Tesouro dos

EUA impôs sanções contra o negociador e o diretor do sistema prisional de El Salvador.

Muitos presos são gangster de menor patente – ou simplesmente jovens tatuados. Pelo menos seis líderes da maior gangue salvadorenha, a Mara Salvatrucha, foram presos recentemente fora de El Salvador e aguardam julgamento nos EUA.

Cansados da violência, os salvadorenhes deram boas-vindas à repressão ao crime. O índice de homicídios caiu de 53 a cada 100 mil habitantes, em 2018, para 2,4 no ano passado, segundo dados do governo. Em fevereiro, depois de tirar do caminho uma proibição constitucional à sua reeleição, Bukele conquistou o segundo mandato com 85% dos votos válidos. Depois foi saudado pela Conferência de Ação Política Conservadora (CPAC), cúpula anual da direita americana. Políticos têm visitado El Salvador para aprender com o “modelo Bukele”. A repressão ao crime no Equador cheira a isso também, apesar de Daniel Noboa ser mais democrático.

**PROBLEMAS.** Os pilares das políticas mano dura – encarceramento em massa e policiamento militarizado – podem agradar multidões, mas criam problemas mesmo quando parecem resolver as coisas. Consideremos as prisões. As gangues da região transformam as cadeias em “quartéis-gerais, centros de recrutamento e unidades econômicas”, afirma Javier Acuña, ex-conselheiro da agência penitenciária do Equador. Emiliano (não é seu nome real), que recentemente saiu da prisão de Latacunga, ao sul de Quito, relatou que os detentos conseguem comprar be-

PRINTED AND DISTRIBUTED BY PRESSREADER  
PRESSEADDER.COM - 11 604 278 8604  
CONTACT: INFO@PRESSEADDER.COM

pressreader